

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

OLIVEIRA, João Luiz Cavalcanti Paschoa de . João Luiz Cavalcanti Paschoa de Oliveira (depoimento, 2011). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 30min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**João Luiz Cavalcanti Paschoa de Oliveira  
(depoimento, 2011)**

Rio de Janeiro

2020

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** Temática

**Entrevistador(es):** Bernardo Buarque de Hollanda; Jimmy Medeiros; Rosana da Câmara Teixeira;

**Levantamento de dados:** Bernardo Borges Buarque de Hollanda;

**Pesquisa e elaboração do roteiro:** Bernardo Borges Buarque de Hollanda;

**Técnico de gravação:** Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Marco Dreer Buarque;

**Local:** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

**Data:** 11/01/2011

**Duração:** 2h 30min

Arquivo digital - áudio: 3; Arquivo digital - vídeo: 3; MiniDV: 3;

Entrevista realizada no contexto do projeto pessoal do pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda intitulado "Torcidas organizadas: criando fontes", que tem como objetivo constituir um banco de entrevistas de história oral acerca das torcidas organizadas nos âmbitos nacional e internacional.

**Temas:** Atividade profissional; Club de Regatas Vasco da Gama; Clube de Regatas do Flamengo ; Esportes; Esquerda; Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã); Eventos e comemorações esportivas; Família; Formação acadêmica; Polícia; Torcidas de futebol; Viagens e visitas; Violência;

## *Sumário*

*Entrevista:* 11.01.2011

Origens familiares; a graduação em Economia na Pontifícia Universidade Católica (PUC); o contato com o futebol e com o Vasco desde a infância; a vocação para a natação; as travessias realizadas na natação; a primeira ida ao estádio; o ingresso na Força Jovem do Vasco a partir de 1987; lembranças sobre os conflitos entre torcidas; a construção de vínculos com os torcedores da Força Jovem; os roubos realizados nas torcidas; a relação com a torcida do Flamengo; o episódio da “noite das garrafadas” no Maracanã; a integração do grupo de Marechal Hermes na Força Jovem do Vasco; a coincidência da ida aos estádios com a entrada na Força Jovem; a participação em todos os jogos do Campeonato Brasileiro a partir de 1988; a consciência política de esquerda da torcida; a diferente composição social da Força Jovem; a dinâmica das brigas entre as torcidas; lembranças sobre a história das torcidas pelo entrevistado; o crescimento da Força Jovem; o eventual afastamento da torcida organizada; o emprego no Deutsche Bank; o contato com os amigos durante seu afastamento da torcida; as viagens a São Paulo nos jogos do Vasco; a aliança com a torcida do Palmeiras, Mancha Alviverde; as bandeiras da torcida; o retorno do entrevistado à Força Jovem em 2008; as ameaças recebidas pelas torcidas adversárias; os confrontos com a torcida do Flamengo; o aumento da violência entre as torcidas; a eleição para a presidência da Força Jovem; as disputas internas na Força Jovem; a aliança entre as torcidas do Vasco e Botafogo; a reunião da Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (Ftorj); as viagens pelo Brasil com a torcida; os desafios da Ftorj com as torcidas; a relação da polícia com as torcidas; a mobilização da Força Jovem na conquista de mais torcedores; o batismo dos novos torcedores do time; a saída de Claudinho da presidência da Força Jovem; o roubo de símbolos do time adversário; as tensões entre torcidas de um mesmo clube; a venda de ingressos pela torcida; a filiação como sócio do Vasco; o projeto de organização de um galpão para a Força Jovem; os contatos com as escolas de samba e a torcida vascaína; a rivalidade entre as torcidas vascaínas; a atuação de Eurico Miranda na Força Jovem; as relações da Força com Romário.

*Entrevista:* 11.01.2011

Bernardo Buarque – Boa noite. Terça-feira, 11 de janeiro de 2011. Depoimento de João Paschoa, líder representante da Força Jovem do Vasco. Esse depoimento contém a presença da Rosana da Câmara Teixeira, pesquisadora e professora da UFF e Jimmy Medeiros que é aqui da Fundação Getulio Vargas. Temos o Daniel - aluno Daniel assistindo - e conduzido por mim, Bernardo Buarque.

Bom, João, como eu te falei, a ideia é que a gente converse um pouco sobre a sua trajetória, vida, como você chegou ao futebol, ao Vasco, à torcida Força Jovem. Então, a gente queria começar mesmo com você contando...você é aqui do Rio? Onde você nasceu? Enfim...

João Paschoa – Beleza. Então, meu nome completo é João Luiz, “Luiz” com “z”, Cavalcanti Paschoa de Oliveira. Eu nasci aqui em Botafogo mesmo, nasci em 24 de junho de 73. Meu nome é João porque eu nasci no dia de São João, “dei mole”. [Risos] Que coincidência, não é? Minha avó era muito religiosa e queria que eu fosse João Batista e minha mãe conseguiu tirar o “Batista”, ficou João Luiz.

Então, eu nasci aqui e morei grande parte da minha vida em Marechal Hermes com a minha avó e após isso a minha mãe casou, nós fomos morar na Tijuca. Eu sempre tive uma relação muito grande com a Marechal, mesmo na Tijuca eu ficava voltando sempre para a Marechal, acho que... Eu devia ter uns 11 anos, não é...que eu criei amigos que são amigos até hoje e essas pessoas que acabaram me apresentando o Vasco, me apresentando a torcida...

B.B. – Conta um pouquinho antes da sua família, desse começo com a sua família...

J.P. – Bem, a minha mãe...os meus pais são separados desde muito novo, eu tinha uns 2 anos de idade, meus pais...eu tinha aproximadamente 2 anos quando minha mãe separou e eu fui criado pela minha avó, que é falecida, e minha mãe. Então, eu fiquei nesse tempo na Marechal, depois minha mãe casou novamente, aí fui morar na Tijuca. Na Tijuca eu tive minha adolescência, parte na Tijuca, parte em Marechal Hermes. Eu tenho mais dois irmãos.

Esse negócio de irmão é meio complicado porque...”Quantos irmãos você têm?”...eu faço “dois” sempre, mas dois porque é da minha mãe, não é? São de pais diferentes com minha mãe. Meu pai foi neto de escravo reprodutor, então ele tem um monte de filho aí espalhado.

[Risos] Meu pai casou, parou depois casou e tem mais três que... meus dois irmãos por parte de mãe são: Marcelo e Bruno. O Marcelo ele está...é de 78...ele está com 30/32 e o Bruno é de 80, ele está com 30 anos. Aí tem a minha irmã que tem 18, do casamento do meu pai, por parte de pai, tem outra irmã que tem 13 e eu tenho um irmão que tem 10. Tenho uma filha que é mais velha que o meu irmão, então ela não gosta que ele seja chamado de tio.

Minha mãe é funcionária da Petrobrás – "é" não, foi funcionária. Primeiro e único emprego que ela teve, que foi na Petrobrás. Minha mãe era economista e meu pai era um engenheiro químico, também da Petrobrás. Ela (a Petrobrás) incentiva a reprodução em cativo, [Risos] porque a minha família toda trabalha na Petrobrás. Todo mundo. Acho que, uma geração atrás da minha, todos trabalhavam na Petrobrás. Da minha geração o pessoal desandou, não quis seguir essa linha, mas meus tios, minha irmã, minha mãe, os irmãos do meu pai, a irmã do meu pai, todo mundo, meu tio...meu tio casou com minha tia que trabalha na Petrobrás, então a família é de petroleiro.

Eu passei minha infância... Eu lembro de Natal, indo no edifício Edise, minha mãe trabalhava lá. Edifício sede da Petrobrás ali na Avenida Chile. Ela trabalhava no Departamento de Exploração, o DEPEC. Isso eu não esqueço isso nunca mais, ela parou de trabalhar há muito tempo, mas esse nome ficou na minha cabeça. Sempre me levava lá no trabalho dela, eu ficava vendo aquelas maquetes de plataforma. Aquilo me seduzia, mas me seduzia tanto... "Poxa, esse negócio aqui é meio complicado, plataforma, petróleo", não era por aí mesmo o que eu queria fazer. Eu fui, estudei no Marechal, depois estudei no Colégio Batista Shepard na Tijuca, fiz o primeiro grau todo lá e depois de um tempo eu saí da Tijuca, fui morar no Jardim Botânico, aí estudei o finalzinho do segundo grau no Bahiense. Aí depois do Bahiense eu passei para a PUC, fiquei morando no Jardim Botânico... Aí daí...

B.B. – O que você foi estudar?

J.P. – Eu fiz economia na PUC. Bem depois de velho que eu que eu falei assim "Caraca, não gostei". Tipo, todo faz tipo "Pô, economia na PUC é legal", mas acho que foi legal, acho que abriu muitas portas. Eu fiz porque minha mãe era economista, minha tia era economista, meu primo, meus tios, toda uma família de economista petroleiro. Eu falei assim "Pô, não me resta ser outra coisa que ser economista", mas acho que eu não nasci para ser economista. Eu fiz,

trabalhei muitos anos no mercado financeiro e até dois anos atrás eu fiz uma pós-graduação no IBMEC, fiz em marketing, a única matéria que eu adorava e me encontrei.

B.B. – Então a sua infância, anos 80, foi na Tijuca e...

J.P. – Marechal. Exatamente.

B.B. – Marechal...E quando você foi para o Jardim...

J.P. – 89/90. Exatamente. 87/89. E o Vasco veio na minha... O futebol, porque a minha mãe não deixava eu ir a jogo com ninguém e o meu padrasto ele era vascaíno já, então desde pequeno já me botava a camisa do Vasco, mas eu não entendia esse negócio de ir ao estádio. Nunca ninguém me levou ao estádio. Eu não fui com meu pai, com minha mãe muito menos, meu padrasto ele não gostava muito de estádio, mas era um vascaíno fervoroso, pelo radinho aí. Desde pequeno eu falava assim “ quando eu ficar velho eu não posso escutar jogo pelo rádio, cara. Eu tenho certeza absoluta que eu vou enfartar!”. [Risos] Então isso foi assim, “não vou mais escutar jogo pelo rádio”, mas hoje eu escuto o jogo, vejo jogo escutando rádio. Eu fiquei essa coisa assim, mas em casa, pô, não. Rádio não entra aqui, é muito maçante. Muito maçante no bom sentido, é uma coisa que te envolve, eu viajo muito nas palavras. Quando eu pego um livro eu viajo para caramba, às vezes no filme também eu me entrego no filme assim, desde moleque. Então não consegui. Voltando, não tinha ninguém para me levar e tinha um primo meu que era tricolor, também economista, lá da UFF.

B.B. – Isso você estava na faculdade?

J.P. – Não, não, antes. Isso eu estava no colégio.

B.B. – No colégio?

J.P. – É.

B.B. – Você gostava de jogar futebol?

J.P. – Cara, eu sempre fui uma negação. Eu agarrava bem. Eu sempre nadei.

B.B. – A estratégia do goleiro, não é?

J.P. – É. [Risos] Pelo menos a bola é minha e o gol é meu. Beleza. Eu sempre nadei, eu tive mais vocação para natação do que para esporte. Então, eu nadava pelos colégios, depois nadei no Fluminense já na adolescência, nadei no Flamengo, nadei no Botafogo. No finalzinho eu fui nadar na equipe de Botafogo, para não pagar para ninguém. Aí minha treinadora tirou todo mundo. Aí fui nadar no Benjamin Constant, fiquei lá até hoje. Tipo, eu estou querendo voltar a nadar e eu não consigo, mas sempre o meu esporte é natação. Não é futebol. Futebol no gol, mas era uma coisa que não me agradava, eu sou de água cara, sou câncer, então gosto de água. Gosto muito de ficar nadando, para mim natação é... Eu faço terapia e a natação é a minha segunda terapia. Eu mergulho, às vezes eu nado, não é, eu treino para me machucar. Eu boto calção de bolso, calção de arrasto, balde, para fazer força. Eu treino às vezes para fazer “Caraca”. Quando eu estou com muita raiva - para descarregar - e parece que quando eu acabo o treino, cara ficou tudo lá. Eu sou outra pessoa, estou muito mais leve. Para mim funciona, quando eu estou estressado então, é perfeito. Natação para mim é muito bom.

B.B. – E praia, também? Ou prefere piscina?

J.P. – Praia... Piscina... Eu faço... Eu faço... Eu já fiz muitas travessias. Competi fazendo travessia aquática, essas travessias do Forte...

Jimmy Medeiros – Do Leme à Copacabana?

J.P. – Do Leme à Copacabana... Não, não, não, Copacabana ao Leme. Copacabana ao Leme. Eu já fiz várias, algumas eu fiquei muito bem, outras não, e eu acho que a primeira colocação eu fiquei em décimo quinto, em 2003/2004. Não era o meu estilo de nadar, eu nadava costas, não é, cem, duzentos metros costas. Aí eu pegava o cara, meu condecorando de natação, Luiz Lima, o cara sempre nadou fundo então eu falei “poxa, nunca vou alcançar esse cara”. Mas agora vou começar a nadar sem compromisso. E eu marquei agora, vou voltar a nadar, fazer parte de uma equipe, Iron Man, agora 24 de junho, tenho dez quilômetros de natação... Não comecei a treinar ainda não, mas eu vou começar a treinar essa semana. [Risos] Porque eu vou fazer esses dez quilômetros em Florianópolis, natação. Esse é o meu objetivo para esse ano.

Aí, voltando lá no Vasco, não é. Voltando ao futebol. Meu primo, que era tricolor, falou assim “pô, vamos no estádio comigo”, eu falei assim “ah, pô, tricolor, fluminense”, mas era

uma chance de sair de casa, Maracanã, pô. Aí eu vou. Eu fui com ele, fui ao jogo do Fluminense contra... Qualquer um, não lembro. Eu fui, acho que no final de 86/87. Fui a dois jogos do Fluminense, falei assim “poxa”, não gostei, não é. Não gostei... Não sei, simplesmente não bateu. Aí o pessoal lá de Marechal, todo mundo Vasco e eu fui a jogo junto, aí pô, começamos a ir para o jogo juntos. Fui ao primeiro jogo do Vasco, falei assim “caramba”. Uma coisa que ficou marcada na minha cabeça, a gente chegava cedo no estádio, era puxar o canto da torcida, não é, e, falei assim “pô, pode puxar”, na época o pessoal era muito menor, não é? As pessoas se conheciam mais. Eu não esqueço até hoje, sei lá quantos anos eu tinha, eu comecei a gritar “Ei, Bangu...”, era *Vasco versus* Bangu [risos] e todo mundo começou a gritar, não é? Eu puxei canto no Maracanã, posso falar isso. Caraca, isso ficou na minha cabeça gravado. Porque, porra, eu puxei um canto da torcida do Vasco de alguma forma. Daí que veio... Poxa eu fiquei apaixonado pela torcida e desde... Eu considero que eu comecei a frequentar a Força Jovem desde 87. Aí em 89 eu já fui a todos os jogos do Vasco no Brasileiro, eu fui. Minha mãe ficava louca, minha mãe não deixava eu viajar de jeito nenhum. Eu falava para ela “mãe, o que você quer que eu faça, eu faço para você, me deixa viajar” e naquela época minha mãe falava “é violento, é briga” e não era. Eu acho que era violento, mas a violência era de outra forma, de outra maneira. As pessoas brigavam de bambu e tinha mais respeito pela vida do que tem hoje, eu acho que hoje ficou banalizada essa questão de violência. A gente ia, por exemplo, *Vasco versus* Flamengo era o jogo que a gente tinha que ir, todo mundo tinha que ir. Eu lembro que num *Vasco versus* Flamengo, acho que em 87/88, a Força Jovem inteira dava dentro de um CTC, não existe mais isso, é um ônibus um pouco maior, e toda torcida cabia ela ali. A Força Jovem inteira.

B.B. – Era um ônibus alugado ou era um ônibus que o pessoal invadia?

J.P. – Invadia, alugava. [Risos] Poxa, acho que não tinha cem pessoas ali, não tinha mesmo. A gente ia para o estádio, a torcida do Flamengo sempre era maior. Eu lembro que a gente parou lá no dezoito, onde é hoje as escadas rolantes, o elevador...

B.B. – Que era o ponto de encontro da Torcida Jovem do Flamengo?

J.P. – É.

B.B. – Ainda é.



J.P. – Ainda é. Nós paramos ali, cara, e a polícia assim “entra, entra, entra!” e todo mundo do Flamengo do outro lado, a gente só com um ônibus. Aí eu lembro, foi o Banha, o cara que era do time dos caras... Dos clássicos, ele pulou o muro para brigar e deu um vizinho nosso lá e ele falou assim “Porra”. Eu falei assim “Cara, a gente entra na moral e o cara ainda quer brigar com a gente?” e ele veio cheio de disposição, aí meu vizinho, Marcelo Negão - não tenho muito mais contato com ele – a gente foi e partiu para cima do cara deu umas “bacetadas” vieram. Na época todo mundo... A arma era uma baceta de bumbo, não é? O máximo de periculosidade que as pessoas andavam era isso. Era uma baceta e deu umas duas “bacetadas” e o cara voltou e fugiu. E aquilo foi inflamando o pessoal, falei assim “Poxa, cara... os caras são grandes, mas a gente também pode se fazer presente”. E era sempre assim, eu estava no Maracanã e isso me empolgava e me...

B.B: - ...Atraía?

J.P: - E me atraía muito, eu começava a ver a expressão de “família” naquela época porque, realmente, cem pessoas ali, todo jogo... você conhecia todo mundo. Sabia que fulano era ali da zona sul. Tinha um amigo meu, Márcio Lobo, ele tinha vergonha de falar que morava em Ipanema [Risos]. Na minha época de Jardim Botânico, eu falava assim “Não, eu sou de Marechal” [Risos], porque tu era meio malvisto, não é? Pessoal falava assim “Pô, maior playboy... que é que o cara está fazendo aqui, vai para academia, vai fazer alguma coisa...” e as pessoas, elas ficavam com medo de falar que moravam na Zona Sul, não é, tipo, ser tachado como playboy, ser desmoralizado. E esse meu amigo, Márcio Lobo, que ficou meu camaradaço de torcida, conheci realmente ali na torcida, se formaram famílias... tem muitas pessoas que eu tenho contato até hoje – eu entrei em 87 – , são meus amigos de verdade. A torcida naquela época formava um caráter, as pessoas que estavam lá eram o Roberto, que hoje é vereador, Roberto Monteiro, Arlindo... Armindo, os Irmãos Metralha, tinha uns folclore, passar fome que nego achava que o cara batia pra caramba, que o cara era um ninja voador... não era nada disso. Era muito fantasioso o imaginário das pessoas... tinha o falecido Navalhada...

Então todo mundo se conhecia e tinha um grupinho que era realmente a liderança, era o Roberto, o Arlindo... tinha o André e o Jorge. Posso falar que a torcida toda resumia a vinte caras de frente, que eram a alma da torcida na época. Isso criou um elo ético e moral dentro

da torcida, porque naquela época nunca se permitia roubar, jamais. Se drogar, na torcida, jamais. Então era um apoio incondicional ao Vasco, e isso era levado muito a sério. Você não podia roubar e não podia se drogar dentro da torcida. E quando pegavam, quando a gente fazia as viagens, a gente falava “olha, quem parar, se roubar, vai ficar. Vai ficar por aí, e voltando, vai entrar na porrada no ônibus.” E não adiantava, o cara falava assim, “não rouba”. E a gente entrava na loja... todo mundo começava a roubar. Era um inferno, pô, todo mundo lá... Vinha o Roberto, ele era o chefe da família, e falava assim “quem roubou?” Se roubasse e passasse, ninguém falasse nada, ninguém ia aplaudir, mas também... falavam assim: “Meu, roubou, segura aí para você”. E os caras roubavam e vinha o cara, “Ei, polícia!”. Os caras entravam na porrada no meio do ônibus e aprendiam. O cara tinha acabado de tomar uma surra porque roubou... [Risos]. Mas era roubar besteira, chocolate... o cara vai e pega, e vinha polícia e atrasava a viagem e coisa e tal... Era por conta disso. Se quiser roubar e ser preso, é por você mesmo. Mas tinha isso e tinha uma galera que não aprendia mesmo.

E, lá no Flamengo, eu lembro que no Maracanã cada torcida tinha sua sala, a gente ficava lá deitado e vinha o pessoal cara... vinha Banha, Severo, Budi, Dicá... pessoal vinha do nosso lado tomar nossas faixas, tomar bandeira. O cara vinha tipo, “Estou aqui na sala da minha casa”, eu era moleque, o cara dava cascudo, “vai embora, sai daqui” e tomava, sabe. Eu acho que quem criou esse ódio da torcida do Flamengo, foram eles próprios, porque nenhuma torcida fazia isso. Tem uma imagem que eu lembro do César da TOV, a gente estava na arquibancada e veio Budi, Dicá... veio o Ricardinho, o Léo, que nego chamava de Capitão Léo, que hoje é presidente fiscal do conselho do Flamengo, vieram roubar a nossa faixa. Aí o César, que tipo, é o viadinho da TOV, coisa e tal, o cara pegou a faixa, enrolou a faixa no corpo e falou “A minha faixa vocês não levam!” Aí falaram assim “Caraca, o cara é viado, mas é macho.” Falou aquilo para todo mundo e não levaram, cara. Sabe, não levaram a faixa do cara, o cara teve a personalidade de dizer “isso é meu, não vai levar” e não levou. Aí foram várias histórias, que foram criando... as pessoas foram tomando coragem, foram criando força dentro delas mesmo, porque a torcida do Flamengo era muito maior que a gente, não é? E aí teve um belo dia, num Vasco e Flamengo, que foi a “noite das garrafadas”, que o Maracanã em cima era aberto, ainda e tinham vários bares né, que estavam ali fazendo reposição de estoque, e tinham todas as garrafas do lado de fora e falaram “O pessoal do Flamengo vai invadir por cima”, porque era tudo aberto, não era como hoje... e o pessoal foi

e tinha um monte de garrafa, o pessoal pegou e foram tacando as garrafas nos caras... demos a volta no Maracanã correndo atrás dos caras do Flamengo. A partir desse dia, o “Dia das Garrafadas” que a torcida do Flamengo parou de tentar invadir, pensaram “Olha, os caras não são mais bobos, não dá para ir mais lá...”. Aí vira e mexe os caras iam...

B.B: - Você lembra quando isso?

J.P: [Pensando]

B.B: - Final dos 80, ainda?

J.P: - Final dos 80, final dos 80, final dos 80.

B.B: - Em 87 você começou a ir com esse grupo de Marechal que já era da força?

J.P: - Aham. É Ricardo Pinho, Wilsinho, Kaká, Japão, é... tinha o Ivo que era da Young e ele via a galera saindo lá de Marechal, se empolgou e virou Vasco, não é? Tinha o Paulo e o Moranguinho na mesma situação, ele era da Young e virou Vasco. A torcida era um chamariz muito grande para as pessoas, né. Era uma forma de o sujeito estar incluído e ser respeitado de alguma maneira, então todos iam. Ali em Marechal ficou a Quarta Família, que durante muito tempo foi a “família” mais forte da Força Jovem. Todo mundo saía dali, todo mundo esperava para onde a Quarta Família ia. A Décima não era tão forte, aí vinha também para Marechal.

Vasco e Flamengo, o jogo era às 17, eu saía de casa umas 9:30, 10:00 da manhã. Aí ia para o Maracanã, tinha que pular o muro porque, tipo, não tinha ingresso para todo mundo. Minha mãe dizia “Eu não vou dar dinheiro para comprar ingresso, meu filho!”, eu falava “tá bom” e ia com os amigos. Ali em Marechal também não pagava trem, pulava o muro da estação. Ia de trem e voltava, não sabia nem como voltava. [Risos] Na volta, voltava de ônibus, pulava a roleta... tu ia sem dinheiro, comia, bebia, se divertia, voltava [Risos]

R.C: - Você tinha quantos anos?

J.P: - Então... 89? Eu tô com 37...

B.B: - 16, 15 anos?

J.P: - 16, 17 anos.

R.C: - Essas suas idas ao estádio se confundem com sua entrada na torcida, praticamente?

J.P: - Foi, foi.

R.C: - Foi praticamente articulado, é isso?

J.P: - Totalmente.

B.B: - Você veio com uma fase boa do Vasco, também. Vários títulos, o brasileiro em 89...

J.P: - Aham.

R.C: - Tem alguns casos que tem essa coisa, que já gostava, que ia com os pais... Está parecendo que você está chamando a atenção que foi um processo praticamente conjunto, que acontece ao mesmo tempo.

J.P: - É, a torcida que me puxou totalmente. Ali, a galera, todo mundo indo junto... Eu lembro foi em 87, gol do Tita sobre o Flamengo, que ele levantou a camisa e saiu correndo, Vasco campeão. O meu pai veio, estava na casa da minha avó, ia sair com o pessoal - eu não tinha uma relação muito boa com o meu pai, nós éramos afastados. Não tinha relação boa, nem ruim, então não era pro mal, nem pro bem.- e ele falou assim "Vou ali no Maracanã, vambora". E aí chamou um primo meu, que não gosta de futebol, nunca gostou. Aí fomos no Maracanã. Eu falei "Bom, mas eu ia com meus amigos", ele falou "Chama aí um ou outro para ir também", mas ninguém queria ir de carro, o legal era trem ou ônibus... de carro, muito ruim. Aí eu falei assim "Pai, vou ali falar com o pessoal e já volto" e fiquei ali com o pessoal da Força, e na volta pensei assim "Pô, Vasco ganhou né, vou voltar de ônibus". Aí deixei lá meu pai e meu primo e voltei comemorando, Vasco campeão... aí, virando a esquina já de casa, dei de cara com meu pai, minha mãe meu primo [risos] o jogo acabou às sete, cheguei em casa nove e pouco da noite, todo mundo me esperando, foi uma sova nesse dia... acho que foi a única vez que eu fui pro estádio com meu pai.

B.B: - Daí no ano seguinte o Vasco venceu, o Cocada, não é? E em 89 que você vai sistematicamente...

J.P: - Fui. Fui a todos os jogos do Brasileiro.

B.B: - E aí você começa a viajar, ou já em 88?

J.P: Não. Comecei a viajar no final de 88, 89. Aí o Vasco foi campeão brasileiro. Nós fomos, teve só um ônibus de Marechal, tinha quase um ônibus e meio, só do pessoal de Marechal que foi para São Paulo. Foram mais de 100 ônibus para São Paulo... você imagina na estrada, todo mundo parando, todo mundo com aquele sentimento de poder. Pensa, 100 ônibus, são quase 5 mil pessoas.

B.B: E foi uma época que o jogo coincidiu com o segundo turno das eleições presidenciais. Teve o Collor contra o Lula...

J.P: Puxa, Collor! Então, na Força, sempre tivemos uma posição política bem definida de esquerda. O pessoal era ligado à CUT, alguns movimentos sindicais, movimento dos bancários com Grajaú, e a galera sempre ia colocando suas posições de esquerda e sempre fui absorvendo esse lado de esquerda. Desde lá, a torcida toda votou no Lula em 89 e eu vim votando no Lula até agora.

J.M.: Tinha algum tipo de campanha interna na torcida, ou era só conversa?

J.P: Não, não era uma coisa formalizada, era só de ideias mesmo, ia passando de um para outro. Muitos eram ligados à questão social porque eram de comunidade. Tinha contato com os Metralhinhas, que eram da minha idade. Hoje os caras se tornaram gerente do tráfico do Complexo do Alemão, aí foi preso agora na invasão do Alemão...

B.B: Eles eram da força, não é?

J.P: É, eram da força.

B.B: Eram os Irmãos Metralha?

J.P: Os Metralhinhas! Tinham os Metralha, que eram Armino e Arlindo, eles eram os mais velhos. Eles eram mais novos, moravam em Vila Isabel, o pai deles era segurança do Vasco, o Baiano... eles eram classe média, não precisavam ter entrado para o tráfico, não sei por quê... Aí parou, não é, entrou para o tráfico, não pode fazer mais porcaria nenhuma, não sai mais da favela, não sai para nada. A ligação foi cortada, nunca mais tive contato.

Lá na Força, nessa época tinha de tudo: Tinha o Márcio Lobo, família judia tradicional, cara de Ipanema, bem classe média alta, que tinha vergonha mesmo de falar que tinha dinheiro... o

Marcelo "Português", Riquinho, tinha uma galera da Zona Sul, uns 4 ou 5... o falecido Lobinho... a torcida era muito família, todo mundo se respeitava, se cuidava muito... e te deixava esperto. Tinha um amigo meu lá de Marechal, o Marquinhos, tricolor também, levamos ele para a Força. A Força é um lugar que você tinha que ficar esperto, tinha um cara lá, o Gula, ele era do Morro do Juramento, sei lá. Ele era meio 'pick pocket', ladrão de carteira. Ficava todo mundo cantando assim e o cara só... [risos]

Aí todo mundo falava "cuidado com ele assim, se não ele rouba, hein?" Uma vez Marquinho deu mole, "Pô, minha carteira sumiu", e a gente falou "foi o Gula, vamos lá pegar de volta".

"Porra Gula, o cara é um camarada nosso, devolve aí." e ele "Ah pô, desculpa, não conhecia não...". Tinha essa malandragem, não é, mas nada comparado como era hoje. Eu falo assim, quando saía porrada, era até uma coisa saudável, porque ninguém objetivava matar o outro. Bateu, caiu, parou e vambora. Hoje o pensamento é totalmente diferente.

B.B: - Você desafiava o outro, era um duelo corporal, um-a-um, grupos pequenos...

J.P: - Vasco e Flamengo era porrada certa. Quem estava ali, queria brigar, então não precisava aliviar. Vai bater, o cara parou, pediu, o pessoal parava. Acho que o respeito era mútuo entre as galeras. Teve uma briga Vasco e Flamengo... Roberto Vereador, um tempão atrás, brigando com o Banha... um de frente para o outro, aí o Banha falou "aí Roberto, vamos fazer eu e você na mão" e ele falou assim "E essas pedras?" E todo mundo parou. Eles começaram a se rolar no chão, e todo mundo "volta, volta" [risos] e todo mundo com pedaço de bambu batendo nos dois [risos]. E depois parava, chegava a polícia e acabou, aquilo ali não se estendia, nunca se estendeu, a não ser covardia. Covardia era uma coisa que não era admitido. Juntar 5, 10 caras para bater em um cara só... isso aí o Robert sempre brigou: "Quer brigar, quer pegar o cara, a gente coloca você e o cara, briga e acabou", então o pessoal ficava com mais raiva dos covardes do Flamengo, que era o Budi, Dicá, Léo, o falecido Germano também...

B.B: - E nessa época, o que que você sabia de torcida organizada, da história das torcidas e da história da Força Jovem?

J.P: Cara, dessas lendas da torcida, tinha o Tarzã, que o pessoal não sabia se era do Vasco, do Botafogo... ele morava em Madureira, era um cara folclórico lá. Eu, pessoalmente, nunca vi

esse Tarzã, mas todo mundo da minha época exaltava o nome desse cara e todo mundo tinha no seu imaginário de que um cara bom de torcida esse Tarzã. Eu acho que os meus amigos da época, ninguém conheceu, só os mais velhos.

B.B: - Mas e sobre a Força Jovem ali nos anos 70, ou mesmo sobre a TOV... O que você sabia sobre a Força Jovem?

J.P: - Sei que surgiu ali no Méier, um grupo que ficava escutando jogo no bar quando dava e que, quando jogo era no Maracanã, se reuniam num bar para sair. Eu não consigo me lembrar direito, mas quando eu cheguei na força, era o Eli Mendes - conheci bem - o presidente da torcida, mas o Roberto já começava a liderar aquela galera da força. Tinha uma mulher na Força que era muito chata, era uma senhora na época, a Sueli. A mulher se sentia pra caramba [risos]. Eu fui na festa da Força agora fim do ano, ela estava lá... se chegava a 15 era muito, o pessoal de frente da força, que puxava todo mundo. Marcondi, Pololô e William, nego falava que eram "os Dobermann da Força". Os caras do Flamengo não podiam ver esses caras que ficavam com medo. Onde eles estavam era tumulto na certa. O Roberto com a parte mais pensante e esses caras que levaram a torcida para ser hoje um monstro. Hoje saem cinco mil pessoas, não tem como controlar. A família pequena, quando está ruim sai com um ônibus. A gente quando estava muito bom ia com um ônibus.

R.C: - Mas você de alguma forma observou, acompanhou esse crescimento, né?

J.P:- Nos anos 90 comecei a faculdade, tinha que trabalhar, fazer estágio. Ia a um jogo ou outro, não dava mais para ficar viajando, por causa do trabalho. Como estagiário, ainda rolava, mas depois quando fui efetivado - e me mandaram para São Paulo- aí a torcida ficou de lado um tempo.

B.B: - Foi que ano isso?

J.P: - Fui efetivado no banco em 96. Não tinha nem me formado ainda, já me efetivaram. Depois de lá, fui trabalhar pelo banco na Alemanha, fiquei 2 anos lá. Aí voltei com uma filha, já voltei com outro pensamento, já não via jogo do Vasco, não acompanhava a torcida de tão perto. Esse ano que você descreveu de 98, com o Eurico eu não estava nem no país.

Queria ir num jogo, Vasco *versus* São Caetano, Vasco vai decidir campeão do Brasileiro e eu não fui. Tu vai tomando outras prioridades na vida, vai se afastando da torcida. Aí depois eu casei, minha mulher não deixava eu ir em jogo mesmo. Falava pra caramba, igual a minha mãe. Falei "Caramba, casei com a minha mãe" [risos]. Fiquei casado 5 anos, acho que não fui a um jogo nesses cinco anos.

B.B: - Isso quando você voltou da Alemanha?

J.P: - Não, voltei em 2000, aí minha filha nasceu. Depois me casei em 2003, aí fiquei até 2008. Nesse período eu parei totalmente. Tinha uns amigos ainda que eu via: Roberto, Alex, pessoal do Méier, de Niterói que... ih, esqueci de falar da galera de Niterói. Quando eu morava no Jardim Botânico, eu morava na casa do meu pai e ele se mudou para o Paraguai e colocou a casa para vender. Até vender, demorou um tempão, não é? E eu ficava sabotando meu pai, o cara vinha visitar a casa e eu falava "Pô, agora não dá para visitar não..." [risos]. Fiquei quase um ano para vender a casa! Meu pai lá do Paraguai tentando ver as coisas e eu sabotando pra caramba. Pô, eu estudava na PUC, morava no Jardim Botânico, ia de bicicleta para faculdade, nadava no Flamengo...falava assim "caramba, eu não posso sair daqui!" [risos]. Aí então ficava enganando meu pai um tempo até que não deu, um cara queria mesmo comprar a casa, a gente morava ali na Rua Faro, aí vendeu. Meu pai falou "tem um apartamento em São Francisco (Niterói), você fica morando lá". Aí fiquei, mas fiquei pouco tempo, até que me chamaram pra São Paulo... aí poxa, voltava para o Rio...

B.B: - Qual era o banco?

J.P: - O Deutsche Bank. Aí ficava no Rio um tempo, na casa da minha vó (Marechal), minha mãe (Tijuca) e ficava muito em Marechal ver o pessoal, Niterói ficava pouco, ficava na casa da namorada, aí fui desprendendo muito das coisas.

B.B: - Mas nesse período que você ficou mais afastado de ir aos estádios, você acompanhava a torcida, ficava ligado, ou era uma coisa que você se afastou mesmo?

J.P: - Não, acompanhava. Eu tinha meus amigos que continuavam indo na torcida. Até morando lá fora, perguntava por e-mail, coisa e tal. Meu amigo Ricardo Pinho, ele era um pouco mais velho do que eu e sempre foi muito apaixonado pela torcida, ficava me contando



como estava a torcida "Fulano brigou com não-sei-quem" e eu ficava de longe imaginando... mas o tempo acabou para isso.

Aí voltei, fiquei esse período isolado, não é, casado... para ver o jogo em casa, tinha vezes que ela chegava "Vamos na festa do meu tio?" e eu "Opa, sem chance, o Vasco joga hoje" [risos]. Às vezes ficava até encher o saco assim, e eu acabava indo na festa com ela, até quando o Vasco desceu né, Vasco e Vitória... Putz grila. Ela: "Vamos sa-" "Eu não saio de casa hoje por nada, nem pensar". Aí o Vasco caiu. Eu morava em Ipanema nessa época e na varanda de frente tinha um bando de São Paulino. Vasco caiu, eles comemorando. Caraca, que vontade de atravessar a rua, acabar com a alegria dos caras, só pensava no assassinato daqueles caras que ficavam gritando, meu time caiu [risos]. Aí minha mulher chegou "Não vai ficar putto por causa disso, não é?" Eu falei "Porra, se eu não vou ficar putto por conta disso, vou ficar putto por conta do que então?" Foi ruim. Foi ruim pra caramba esse dia.

B.B: Você ainda não tinha se reaproximado da torcida?

J.P: - Não, mas eu mantive o contato com o Roberto Monteiro.

B.B: - O Roberto ainda continua?

J.P: - Não, não. Mas tem muita gente da antiga que ainda senta para tomar chope e vai conversando sobre a torcida... a gente tem essa relação. Eu estava trabalhando em São Paulo esse tempo e ia em alguns jogos do Palmeiras. Minha mulher viajava sempre e eu estava aqui, não via jogo do Vasco, mas via muito jogo do Palmeiras, muito. Ia eu e Márcio Lobo, eu pegava ele aqui e a gente ia ver Palmeiras e Corinthians, ia junto com a Mancha Verde...

B.B: - Final dos anos 80 vocês iam pra São Paulo?

J.P: - É, íamos domingo e voltávamos segunda. Era para brigar mesmo, não é, dar um reforço para os caras. Era na época do Léo, da Mancha, conheci. A gente, nossa...teve um jogo, Palmeiras *versus* Flamengo que o Gaúcho defendeu um pênalti do Zico, a polícia tinha segurado o pessoal da Mancha. Eu entrei no estádio com um pessoal de Marechal e eu falei assim "cada um senta em um lugar aí, longe um do outro, porque 15 caras contra 5 mil..." [risos] eu ia à paisana, não tinha como. Aí chegou o Cléo, foi a Guerra de Moeda. Os caras do Flamengo vieram tacando moeda antiga na gente, sei lá onde ele arranjaram [risos]... aí

começou, só moeda voando e o policiamento era só uma linha assim, tinha mais moeda pegando na PM e os caras foram abrindo [risos]. Aí chegou pertinho e começou, o pessoal trocando soco. O Cléo estava vivo ainda, aí subimos, a porrada comendo em cima, embaixo... aí chegou a polícia "Vocês não são da Mancha, não, vão ficar aqui, não vão sair com eles, não" e segurou todo mundo que era da Força e não deixou sair. Aí eu falei "Não vai sair junto, vai sair como? Vai sair pelo ralo." [risos]

Nossa, a gente brigou contra o Flamengo, o Fluminense... com o Cléo, contra o Corinthians nós fomos... O engraçado eram as viagens, tinham uns personagens muito folclóricos [risos]. Se todo mundo contar as histórias de viagem, dá para escrever vários livros divertidíssimos. Tinha um cara que foi falando da marmita dele desde São Januário: "Não, minha mãe trouxe uma marmita, qualquer coisa..." aí todo mundo ficou de olho [risos] na marmita do cara. Aí chegou em São Paulo, não tem mais. Chegamos "Aí, amigo, vamos dividir essa marmita com a galera". Quando abriu cara, era um bife verde, estragou [risos]! Aí todo mundo "Pega, pega! Pega o cara da marmita!" [risos] Todo mundo queria bater no cara porque a marmita estava azeda! [risos] Tem cada história...

Nesse jogo mesmo a gente estava ali na Água Branca, do lado da sede da Mancha, quente pra caramba... tinha uma casa com um murinho de meio metro de altura e uma torneira, não é? Aí eu falei "eu vou lá, vou pegar a mangueira e coloco aqui pra vocês, vocês ficam tomando aí. Aí quando eu estava dentro da casa, chegou a polícia: "E aí?" Comecei a imitar sotaque de paulista: "Certo, mano, os caras todos pedindo um pouco d'água, tive que dar para os caras, meu" [risos] aí os guardas "Carioca filho da puta, quer enganar quem? Está preso!" [risos] Invadi o domicílio do cara pra pegar água... aí começando o jogo eles já me liberaram. [Risos]

B.B: - E essa relação com a Mancha já existia?

J.P: Já, já existia. Era muito forte, poucas pessoas da Força não gostavam, queriam independência, mas era uma coisa muito forte. Hoje tem várias torcidas que tentam se aliar à Força mas igual a Mancha, não tem.

B.B: - Depois do Cléo, veio Paulo Serdan...

J.P: - Que foi o Paulinho, continuou articulando. Mas aí, o cara morreu e virou mito, ninguém sabe onde ele morreu, quem foi... cada um chega, conta uma história e eu realmente não sei porque o cara morreu, só sei que até hoje ninguém descobriu nada da morte dele.

Aquela bandeira que tem cheia de escudo do Vasco, ela foi feita lá no quintal da casa da minha avó. A gente pegou a tela, nós mesmo fizemos uma coisa artesanal mesmo, fazer na mão, um do lado do outro. Depois o pessoal gostou dessa bandeira e foi fazendo outras e até hoje tem essa bandeira com escudinho, que foi feita pelo Ricardo Pinho - que imaginou - lá no quintal da casa da minha avó

B.B: - E o Iron Maiden já existia?

J.P: - Então, quando eu entrei tinha a bandeira do Iron e do He-Man. Eu comecei a malhar pra poder levantar aquela bandeira [risos]. Cheguei a ter 110kg de massa, fiquei bem forte, só malhando. Eu falava "vou levantar essa bandeira" do Iron, do He-Man, do Chacrinha, que eram as maiores. Todo dia eu colocava o pé lá e tentava, mas não conseguia [risos]. Eu entrei numa noia de malhar por conta disso. Isso me impulsionou de alguma forma a criar corpo. Ficava naquela paranoia de que na torcida tem que ter respeito e tal, mas eu sempre fui um cara *low-profile* total. Já me envolvi em briga e tal, mas nunca fui que nem o Zé. O Zé tem a fama maior do que ele é, não é? Todo mundo acha que ele fez isso e aquilo...

B.B: - Quem é o Zé?

J.P: - Zé Maria. O cara é meu parceirão mesmo, muito gente fina. Conheci o Zé nessa retomada, na reunião da FTORJ...

B.B: - Mas quando teve a reunião da FTORJ em 2008, coincidiu com essa época da sua volta para a torcida, ou foi a FTORJ que te incentivou?

J.P: - Então, o que aconteceu foi que meu casamento acabou. Eu tinha um fundo de investimento que deu uma embicada muito forte e morreu. A gente ficou com uma dívida. Eu ia comprar um apartamento em Ipanema com a minha mulher e tive que usar o dinheiro do apartamento pra cobrir o rombo. Aí foi ladeira abaixo meu casamento. Acabou, não quis mais saber de mercado financeiro. Queria fazer outra coisa, não sabia o que ainda, eu fiquei perdido durante um tempo, e minha mulher era diretora da Suzana, ter que ir na casa daqueles

caras... aquilo acabava comigo. Os caras gostam de viver de aparência e eu não gostava desse clininha, nunca gostei, mas também minha mulher não me deixava ir a jogo, só fui naquele do Vasco e Palmeiras. Na Mancha, daquele tempo só tenho contato com o Serdan, com o Fred e agora eu tenho mais contato com o André, não é, agora com essa retomada e ele presidente da Mancha. A retomada culminou que eu decidi que ia arrumar outra coisa para fazer. Aí eu estava falando com o Roberto e ele "vai ter eleição aí, dá uma força na eleição do Claudinho, arrumar as coisas, já que você está de bobeira" e eu fui lá, já conhecia o Claudinho e uma galera, comecei a conversar com o pessoal... cada uma com uma história diferente pra caramba, hilárias. E comecei a ajudar o Claudinho orientando mais de bastidor, tentando levar a torcida para um lado mais politizado... nego vinha falando "vamos pegar e matar..." pô, a torcida não é grupo de extermínio, não é lugar para matar, se não vai ficar uma vida de vingança. Começou isso aí com a morte do Budi, aí o pessoal tentou fazer atentado com o pessoal do clube. Pessoal da raça foi lá na casa do Roberto, ele morava lá na Dias da Cruz, tinha 400 cabeças da raça lá na portaria dele [risos]. Não tinha celular nem nada, aí quando ele passou na padaria, o cara falou assim "Ó, seu pai ligou pra cá e falou pra você não ir pra casa, não, que tem uns caras te esperando" [risos]. Os caras ficaram gritando e xingando, mas não fizeram nada, não é? Fizeram uma pressão na casa do Roberto, mas não pegaram, não aconteceu nada.

B.B: - E tinha esse tipo de ameaça por telefone?

J.P: - Ô, vou te falar... a gente tinha o telefone da casa de todo mundo do Flamengo. Eu comecei a falar com o Léo, liguei para casa dele xingando "Viado, gordo!" e eu ligava e o cara assim "Pô, você só sabe falar isso?" e eu falei assim "Não, mas vocês são safados..." e começamos a estabelecer um diálogo pelo telefone, até que depois ele tinha o telefone da minha casa e a gente não se conhecia, não é? Eu não sabia que nome adotar, e eu era o Paulista. O Paulista de Marechal. E fiquei em contato com ele uns 2 anos fácil, ligava para ele para perguntar umas coisas, aí falei assim "Pô, lá no basquete tu veio me pegar..." que foi até um jogo, porque Vasco *versus* Flamengo também, o pessoal só ia para porrada. Teve um jogo...

B.B: - Teve aquele célebre de 91...

J.P: - É, que o Adson lá do Méier, o gordinho veio arrastando o cara lá da arquibancada...

B.B: - Você estava nesse jogo?

J.P: - Não, não estava. A gente estava andando ali em Olaria, a Força estava lá na frente e tinha uma galera mais atrás de Bonsucesso que estava fumando maconha. Falei "Simões, vamos sair daqui que depois vem a polícia e vão nos tirar como maconheiro" e começamos a apertar o passo. De repente, para um carro e um ônibus do nosso lado dos caras do Flamengo e a gente não viu. [risos] Os caras eram bom nisso. Os caras saíram, Adamastor com um revólver imenso, saiu do carro do Léo, um Chevette branco, tentando me pegar e cada um correu para um lado, a gente começou a gritar e a Força parou, voltou e começou a tacar pedra, depois bater com o bambu e veio a polícia e os caras falaram "Flamenguista pra cá, vascaínos..." na metade correu... e o cara falou assim "sobe correndo!" e deu uma rajada pro alto e fomos correndo, pulando de casa em casa até sairmos numa rua e quando chegamos, outro carro da polícia enquadrado todo mundo da torcida. Aí tinha o Alonso, que era o cara mais intelectualizado na época. Eu me lembro que os PMs estavam roubando todo mundo da torcida: relógio, cordão... aí o Alonso virou assim "Eu não compactuo com a sua ação" e o guarda quebrou o cassetete na cabeça do Alonso! [Risos]

J.M.: - Isso só com a torcida do Vasco?

J.P: Com a do Flamengo foi pior! Todo mundo ajoelhado, o guarda perguntou "Você não gosta de tacar pedra? Pega aqui, vira para trás e taca." O cara foi, pegou e tacou no P.M! [risos] O guarda parou e não fez nada com ninguém só ligou para o cara dentro do ônibus, espancou o cara - acho que era Trovão - e foram embora. Tem vários casos assim que na hora é trágico, mas depois o pessoal ri bastante.

R.C: - Mas isso tudo muda, não é? Anos 90... e nesse teu retorno assim?

J.P: - Eu acho que começou a mudar mais na parte que o Budi morreu, aí começou a questão de nego levar tiro, levar arma para os estádios... o Budi era um cara extremamente covarde, aí o pessoal jogou essa conta na torcida. O cara vivia em baile dando porrada em todo mundo, era professor de boxe tailandês e, pô, era todo problemático, vivia no Salgueiro arranjando confusão e mataram o cara e jogaram em cima da torcida. Eu realmente não sei, estava afastado nessa época, mas falar que foi a Força Jovem que matou o cara é demais. Tinha muita gente que brigava só pela torcida. Brigar na rua, não. Eu mesmo, acho que briguei na

rua só uma vez, no colégio. Era uma forma de socialização do momento, meio "Clube da Luta". Nessa época a torcida começou a se estender e começou a misturar galera de baile funk, nego falava que tinha flamenguista que ia junto com a Força e vice-versa, que o pessoal de fora começou a se infiltrar em galera de torcida.

B.B: - E as famílias, os pelotões, tudo começou a crescer em cada bairro, porque era isso. E esse grupo central começou a ter menos poder também, não sei.

J.P: - Foi isso mesmo. Foi a época do Marcelo Zona Sul... o He-Man também, era um cara que era da galera do Roberto, a gente andava junto e depois ele assumiu a presidência da força durante um tempo e hoje ele está em Curitiba. Acho que veio começando com o pessoal do He-Man e estancou mesmo com o pessoal do Marcelo Zona Sul e desde os anos 90, 2000 veio crescendo pra caramba essa questão de arma de fogo na força. E ficou comum, banalizou a questão. Ficou "Pô, se vocês têm arma, a gente tem arma", cada um vem de uma comunidade e começou a fazer contato com a polícia, chamando escolta da polícia, de bandido, de não-sei-o-quê, somado ao acesso à arma muito fácil... todo mundo achava também que não ia dar em nada Isso aconteceu muito mais com o pessoal de Niterói. Acho que lá a questão vai além de torcida organizada, não sei. Fui lá em São Gonçalo uma vez e achei aquilo muito terra de ninguém, nego fala de querer matar, dar tiro.

R.C: - São Gonçalo, se não me engano, no final do ano teve um episódio...

J.P: - Teve, teve um enterro de um garoto. Moleque tinha 17, 18 anos. Primeiro Vasco *versus* Flamengo que ele ia, morreu numa quinta. O cara lá deu um tiro, não era nem pra pegar nesse garoto, era pra pegar no... esqueci. Era pra pegar nele, não pegou, aí fica nessa coisa sem fim que... não dá, não é? Tem outros propósitos, não é mais torcida. É mais regional do que torcida por si só. No final dos anos 80 era torcida e só brigava lá mesmo. Hoje pode falar que não tem briga dentro do estádio, é raríssimo.

R.C: - Então você retomou mesmo pra valer...

J.P: - No final de 2008, é.

B.B: - E teve eleição na Força Jovem, foi isso? Uma coisa que não é muito frequente...

J.P: - Não, não é. Mas teve eleição porque o Eurico estava em processo de sair. Teve uma eleição antes que o Marcondi foi eleito, mas o Eurico não deixou ele assumir, pegou baixa, bandeira e a torcida ficou sem nada. Desde então, o Eurico financiava o pessoal que apoiava ele para não deixar o Marcondi ser o presidente. Aí começou a briga interna da Força. O pessoal do Eurico, chamado Resgate, contra o resto todo. A conquista foi na base da porrada mesmo. Era segurança do Vasco, PM e os torcedores contra o pessoal do Marcondi, isso em 2006, 2007... até 2008, todo jogo do Vasco tinha porrada lá fora.

B.B: - Entre a Força Jovem?

J.P: - Entre a Força Jovem, pela disputa do poder. O Eurico cismando, até hoje ele quer a torcida pra ele. Aí quando esses caras se deram por derrotados - a galera do Eurico ficou enfraquecida -, foi o Bosnello na época que falou "quero que tenha legitimidade, quero ata de eleição..." e o Marconi falou assim "Não quero mais saber disso, quero passar a bola" e foi escolhido o Claudinho. Ele entrou e não tinha muitas articulações políticas exigidas por um presidente de torcida. Dar entrevista, se posicionar junto à PM, falar com autoridade... e eu ficava assessorando o Claudinho "Olha, você tem que se comportar assim e assado" e com a massa ele que falava. Fiquei sempre ajudando e ele chegou e falou "Olha, tem um pessoal me chamando pra Ftorj" ele me chamou numa reunião no amarelinho, que eu conheci o Zé Maria, o Frajola, o Noy eu já conhecia antes, o pessoal do Botafogo estava sempre lá, não tinha problema.

B.B: - Falando em Botafogo e Vasco sempre teve também, não é...

J.P: - Na época que eu comecei na torcida, não tinha aliança nenhuma, porque o foco era o Flamengo. Se viessem ajudar estava bom, se não viessem estava bem também. Era uma aliança frágil, hoje são aliadas, mas não é uma coisa como a Mancha, ou a Galoucura.

B.B: - Só tem uma torcida chamada Força Jovem.

J.P: - É. Teve o primeiro seminário de T.O (Torcida Organizada), feito pelo ministério do esporte, aí eu conheci o Ferrugem, o presidente da Galoucura. Ele é um dos caras de torcida mais conscientes que existem no Brasil. Ele está preso hoje por ideal, por uma briga que teve num vale-tudo que os caras foram e mataram um rapaz do Cruzeiro. Ele nem estava lá, mas foram em busca da torcida e ele se apresentou como presidente da torcida e falou que se

responsabilizava. Passou natal e réveillon preso, mas o cara sempre foi muito consciente de onde a T.O poderia levar. Os clubes dependem das T.Os e as T.Os dependem dos clubes.

B.B: - Conta um pouco como foi essa reunião, Ftorj... como você participou antes de entrar.

J.P: - Então, quem estava representando a torcida era o Policinha, mas ele não queria muito e tinha muita gente que falava assim "Tu vai apertar mão de Zé Maria, coisa e tal?" Teve muita resistência.

B.B: - E ainda tem?

J.P: - Ainda tem. Se eu falar que vou falar com o Zé, eles falam "Vai falar com o Zé no telefone?" O cara não é meu inimigo. Até o pessoal sentir que o Zé sempre foi muito transparente, muito claro e muito correto. A conversa do Zé era sempre uma só, ele não era duas-caras. No Vasco, nego acha que o Zé é o diabo. O Zé não tem o que falar, ele é um cara dez. Se tivessem dez dele na Força, ela seria a maior do Brasil, indiscutivelmente. O cara tem cabeça, ele sabe se posicionar, mexer com as peças. O cara é fantástico. Comecei lá, estava o Frajola, o pessoal da IRA que a gente começou a falar. A ideia geral era debater o artigo 39 A e B do Estatuto do Torcedor, que falava da responsabilidade civil e criminal dos membros de torcida. Aí tinha uma ONG que queria promover a paz entre as torcidas e o Zé ficava me ligando para a gente organizar essas ações... mas eu acho que a T.O vai acabar. Até a Copa, não tem muito mais perspectiva de existir. Uma, por causa de violência e outra por questões financeiras dentro do estádio: ninguém quer que fique um bolo de pessoas ali, importunando os caras que podem pagar mais caro pelo ingresso. Acho que a torcida está com seus dias contados. Por isso que tem essa mobilização por minha parte e do Zé, para o pessoal pelo menos saber viver cordialmente. Na hora do jogo eu vou querer golear o Flamengo, massacrar os caras, mas acabou ali. Cada um tem sua vida, tem família, mas os caras ficam com essa coisa, todo mundo quer brigar, quer se afirmar. Eu tenho que servir de exemplo para minha filha, ela não quer me ver brigando na rua por causa de torcida. Acho que Vasco *versus* Flamengo tem um significado maior pra todo mundo, mas pra mim, acaba ali. Acabou o jogo, sair com a torcida para rodoviária? Mas nem amarrado! Ficar 7 horas num ônibus, mas não vou mesmo, já passei por isso. Teve uma vez no começo, que o Deutsche me dava umas passagens de avião e eu sempre vinha para o Rio de avião, toda Sexta-Feira. Mas foi no começo, só até eu me acostumar com a cidade. Aí eu fui pegar um ônibus, voltando num



feriado, sem leito com um cara imenso do meu lado e eu pensei "Cara, nunca mais vou andar de ônibus assim, na minha vida". Ainda mais com torcida, num ônibus ruim pra caramba, ônibus quebra, volta... Estou chato, estou ficando velho pra fazer isso.

B.B: - Até onde você já foi com torcida?

J.P: - Fala aí um estado. [risos] Goiás, Bahia, Rio Grande do Sul, Recife... só fui em dois estados no Nordeste. Fui no interior de São Paulo, você pensa que o negócio é fácil, mas lá a porrada come, a cidade inteira contra vocês...

Teve uma vez que a gente foi em Bragança Paulista, aí primeiro que já não sabíamos chegar lá, não é? Aí a gente não sabia chegar no estádio e tinha um cara no ponto de ônibus, a gente parou o ônibus no ponto: "Ô, amigo, por favor, uma informação. Como faz pra chegar no estádio?" [risos] E ele "vira aqui e ali" e quando a gente estava saindo, aí eu "Ih, olha lá, o cara rindo, está mentindo pra gente!" Fomos lá "Você está mentindo?" e ele "Não!", "então vem pra cá e mostra!", sequestramos o cara. [Risos] O cara branco de medo... [Risos] depois chamou a polícia, ela chegou e falou "Joga ele do ônibus" [mais risos] só que o ônibus não estava muito rápido, não, mas jogaram. O pessoal fez muito merda.

B.B: - Depois que o Vasco ganhou a Libertadores, você estava acompanhando?

J.P: - Putz, não. Estava em São Paulo.

B.B: Algum contato com torcidas argentinas, sul-americanas... não?

J.P: - Não tinha... recebia porrada, dava porrada, era tudo brasileiro, não tinha esse negócio, não. [Risos] Não sei nem direito as alianças que eles têm, mas acho que profunda igual à do Vasco nenhuma outra torcida tem. Nem Flamengo, nem Fluminense, nem Botafogo. Aliança mesmo forte no Brasil, só Vasco e Palmeiras. Tem alguma coisa também aí com o pessoal do Atlético Mineiro. E nesse jogo, minha chefe era também do Rio e o marido dela era vascaíno, na final da mundial no Japão. Aí eu virei para minha chefe: "Poxa, sabe, tenho um compromisso para resolver aqui e vou chegar atrasado..." Aí ela chegou "João, qual é o seu time?" [Risos] Quando eu falei Vasco, ela disse "Meu marido também é Vasco e não vai trabalhar também. Pode chegar atrasado, vou fazer o quê? Não vai trabalhar mesmo se estiver

aqui". Aí fiquei assistindo ao jogo já com a roupa do trabalho para ir direto. Aí foi uma desgraça mesmo, mas foi bom.

B.B: - Bom, então a partir do que você falou, a FTORJ tem pela frente dois desafios: um que é fazer frente a esse poderio econômico e outro que é minimamente mudar ou tentar controlar essa mentalidade do coletivo.

J.P: - Exatamente. Eu acho que a gente tem que tentar conseguir isso que nem o Paulo Castilho lá de São Paulo, que falou para o André da Mancha e o do Independente: “Vocês querem voltar a ter bandeiras?” - Que lá eles não têm bandeiras dentro de estádio, não é? - “Eu quero ver vocês lado a lado sem policiamento torcendo civilizadamente”. Em primeiro momento eu acho que é uma coisa irreal, mas trabalhando... eu tento levar os caras para uma visão mais comercial que a torcida pode ter. A torcida pode ser instrumental de marketing de guerrilha incrível que ninguém conseguiu atingir ainda, as pessoas vão querer se utilizar muito disso, explorar. Hoje eu montei uma agência de marketing esportivo. Eu vendo patrocínios, placas de campo, eu tenho esse contato direto com as empresas que querem se expressar pelo futebol, que querem falar com a classe C dominante do futebol e as torcidas não sabem disso. Eu falo para o Zé que se os caras perceberem que os em paz ganham mais dinheiro do que em guerra, os caras deixam de brigar. Eles não têm noção do que a torcida pode proporcionar ao clube ainda. Você está aqui pra ajudar quem? Não é matando um ou dois que você vai ajudar a torcida. Não pode ser igual ao último Vasco *versus* Flamengo, lá na Brasil. Aquilo ali não sei nem como aconteceu. Aquilo gera revolta, claro, mas e a credibilidade da polícia? Os caras com o casaco da Jovem (Fla) dando tiro de fuzil em carro de polícia. Os caras saberem que podem fazer o que quiser, isso gera violência. O GEP hoje acho que faz um trabalho espetacular

B.B: - Mas ainda assim tem situações como essa.

J.P: - Ainda tem. O pessoal fica com raiva e vive uma vida de revanche. Aí a revanche foi num Vasco *versus* Flamengo, o pessoal foi escoltando na saída do jogo. Chegou lá no Jacaré, a polícia falou "Daqui eu não passo, agora é com vocês mesmo" e foi embora. Lá tinha uns caras do Flamengo em um trailer e os caras destruíram o trailer do cara, colocaram de cabeça para baixo, tacaram fogo. Falaram que o cara era da Jovem, não era coisa nenhuma, era do tráfico, aí passou cara do tráfico mandou tiro que acertou no menino da Força... Polícia, cara.

Fala que não vai passar ali na frente porque é do tráfico, porra. Quando teve o Vasco e o Guarani no Maracanã, que o Vasco jogava pela 2ª divisão ainda, eu estava falando com o Major Otavio, aí falei assim "Vamos fazer isso e chegar no Maracanã tal hora". Aí estava ali no Maracanã e os caras trazem os ônibus do Guarani pelo meio da torcida do Vasco. Eu falei "Meu amigo, você não está falando sério... Você quer morte... traz os caras para boca do leão". O pessoal do São Paulo, no São Paulo *versus* Fluminense chegaram aqui no pedágio com 12 ônibus e a PM cobraram outro pedágio dele, 5 reais de cada um, eles falaram "Não vamos dar", os PMs fizeram eles voltar. Os caras não têm respeito pela torcida, torcida também não tem respeito pela polícia. A morte agora do Gabirú. O cara era meu amigo. Na torcida, o cara era amigão, super gente fina. A morte dele foi suicídio, não sei o que deu no cara. Ele estava ali na Quinta da Boa Vista, pessoal da Força estava no alto da passarela e ele partiu sozinho para cima de 250 pessoas.

B.B: Eu acho que eu vejo pela força, que é a única de cultura que as pessoas têm. É a única opção que eles se sentem inseridos em alguma coisa.

J.P: - Porque eles se sentem prestigiados fazendo parte da torcida. É nos organizando que vamos nos desorganizar. Porque ele não tem competência para desorganizar o sistema que ele pensa sozinho, ele se organiza com a torcida e certamente pensa que pode fazer mais. O símbolo "Eddie" a molecada de 14, 15 anos vê aquilo e pensa "eu vou pra guerra junto com eles". O Eddie é o cara que mesmo morto vai para luta, não teme a morte. Eu falo hoje que a Força Jovem traz hoje para Vasco mais torcedor que o próprio Vasco. Essa molecada se espelha muito na torcida, o que ela tem para oferecer. Eles entram na torcida já querendo ser batizados. Tem umas histórias de batismo... [Risos]

Tem um moleque que é lá de Marechal, ele foi uma única vez na torcida. Estava rolando batizado, não era nem pra ele ser o primeiro, enrolaram ele num tapete e jogaram ele lá da arquibancada. Ele veio rolando [risos] ainda quebrou os dois braços.

BB: - Isso nos anos 80 mesmo?

J.P: - É... mas hoje o batismo não mudou muita coisa. Geralmente eles fazem em viagem. Meu batismo foi em uma viagem para São José dos Campos... Putz grila [risos]. Foi Vasco e São José, eu sentei no fundo do ônibus. Eu tinha viajado várias vezes e não tinha me

batizado, aí me seguraram pelos dois braços e vinha nego correndo e pulava com o pé... só não podia acertar no rosto. Foi uma sessão... uma hora nego batendo, batendo [risos]

B.B: - Mas no batismo dos outros, você também...

J.P: - Já bati em alguns, mas nunca me indispus com ninguém, tem muita gente que fica brigando, tem uns grupos internos... eu não sou parte de grupo nenhum, eu trabalho e estou aqui para ajudar a torcida. Hoje, o presidente é o Juninho, que está assumindo agora. Eu estava com o Claudinho ajudando a Força Jovem, não o Claudinho, e hoje eu estou aí com o Juninho e vou ajudar a Força Jovem também, pode contar comigo.

B.B: - Mas por que essa sucessão? Porque o Claudinho quis sair, ou teve eleição, como que foi isso? [Risos]

J.P: - Cara, o Claudinho se perdeu.... Se perdeu e acharam por bem tirar. Tem nego que pensa que o cara sendo presidente de torcida vai te dar muita grana, não dá. Em jogo bom, a Torcida faz 20 mil reais, e aí já gasta em aluguel de sala, material... e advogado pra caramba [risos]. Consciência, o cara não pode fazer merda na rua achando que a Força vai te garantir. Dois caras saíram de uma festa, loucos. Tinha um cara na rua, um cara qualquer, comendo biscoito, os caras tomaram o biscoito dele, ainda deram uns tapas... cara, isso é crime. O cara não achava que é crime. Foi entender depois que ficou 3 meses na cadeia por um pacote de biscoito. É sempre assim, os caras não pensam. Os caras vão roubar camisa de time. É crime também. Na casa da minha mãe, até hoje tem um bolo de camisa do Flamengo [risos]. Tem muita. Umás eu vou dando, mas camisas do Flamengo da Lubrax, tem um monte. Tinha época que eu tinha mais de 50, hoje devem ter umas 20.

R.C: - Acontecia com a camisa como acontece com as bandeiras esse negócio de tomar, enfim, isso é importante... acontece ainda hoje? Que teve um momento que acontecia muito...

J.P: É, o pessoal foi e roubou o bandeirão do Flamengo... eles fizeram outro às pressas pra falar que não roubaram [risos]. A história do bandeirão foi engraçada. A gente entrou de noite no Maracanã e de noite tinham lá dois vigias velhos [risos] A gente entrou e fez sinal de lanterna, e os caras do outro lado respondendo, mas eram os seguranças do estádio [risos]. Nego é foda, tem uma inteligência limitada

B.B: - Esse roubo não tinha sido na sede da Jovem que era no Centro da cidade?

J.P: - Não, foi ainda na sala do Maracanã. Eles falam que não roubaram nada, mas o pessoal pegou sim, é o grande troféu dos caras. Eles também falam que já pegaram bandeira nossa do He-Man... uma época, quando eu era moleque, eles pegavam mesmo. Chegava o Budi e pegava, sozinho.

B.B: - João, tem um ponto que a gente quer tratar: a gente vê que cada vez mais tem uma tensão interna, seja entre grupinho, seja entre torcidas do mesmo clube. Como é vivido isso dentro da Força?

J.P: - A Ira foi feita por ex-integrantes da Força, não é? A força já viu isso acontecer várias vezes: Mancha Negra, Independente... tinham várias e várias torcidas que surgiam e acabam. O poder comercial que a Força tem é muito forte, as outras torcidas não conseguem se manter. Até quando estava aquela divisão em São Januário, teve uma pressão interna e eles tiraram essa grade. Já a Ira... a Ira não cresce. Para crescer, acho que ela precisa se impor externamente. É movimento. Tem vezes que a Força está mal, aí fortalece um pouco a Ira, mas a Força voltando a ficar bem, o pessoal volta. Como foi com o Batata, que chegou a ser o presidente da Ira e agora voltou para Força.

B.B: - Chegou a ter briga?

J.P: - Teve. E eu nem sei porque eu não estava direito, mas aconteceram umas brigas e eu não sei falar exatamente qual foi o motivo real - fofoca eu sei um monte -, mas o motivo real eu não sei.

D.: - E a GDA?

J.P: - A GDA... teve uma época que o pessoal foi num jogo, Vasco *versus* Tigres, ou Vasco *versus* Volta Redonda... é a Força que puxa o canto, e nunca jogo pequeno desse aí, a GDA começou a atravessar os cantos e falaram assim "vamos pegar esses caras" [risos], aí eu falei assim "se você for lá bater nos caras é fácil, porque lá ninguém é de briga. Tu vai estar criando um inimigo que tu não precisa. Não tem necessidade. Tu quer arranjar tumulto, arranja sozinho, depois não vem pedir pra Força pagar advogado, não."

A questão dos ingressos também... a Força é maior porque consegue mais ingresso, porque o Vasco não dá. Dá? Vou te falar... dá uns 50 ingressos, de graça. Depois, a força paga meia, às vezes meia da meia. Só quando tem questões políticas envolvidas. Vasco e Cruzeiro, os caras foram com um ônibus lá pra Sete Lagoas. Foi o Eurico que bancou, todo mundo sabe. Ele quer a torcida de volta, porque a eleição é agora e ele dominando a massa...

B.B: - Você é afiliado ao Vasco?

J.P: - Sou, sou sócio. Vou votar agora em julho, não é? E hoje eu acho que estou mais ligado ao Vasco do que à Força. Hoje tento ajudar muito mais ao Vasco - montei uma empresa que tem tudo a ver, pode levar patrocínio para o clube, posso ajudar de alguma forma. Primeira coisa se você é torcedor, entra de sócio, ajuda o clube. Eu sei que é difícil pra caramba... tu vê a mensalidade da força: 10 reais. Inadimplência: 95% [risos].

Às vezes o Vasco esquece o tamanho que tem. Você vai para o Norte, Nordeste, tem um monte de gente pedindo carteirinha, é impressionante. A Força de Manaus é muito mais organizada que a daqui. Eles têm um galpão enorme, um telão e se juntam pra ver todos os jogos lá. A gente aqui tem uma sala ali na Uruguaiana...

B.B: - Vocês não tinham um projeto ali...

J.P: - Foi na Gonçalves Dias, depois que explodiram lá. Começou em Piedade aí foi pra Gonçalves Dias, Rua Bela...tinha um galpão.

B.B: - Foi a época do Marcelo Zona Sul?

J.P: - Foi, entrando o Zona Sul, saindo e entrando o Marcondi. O galpão na verdade não era da torcida, foi emprestado. O pessoal que estava lá nem sabia otimizar o espaço, ninguém sabia fazer nada... e hoje a Brahma quer ser parceira. A ideia era colocar um galpão ali em São Cristóvão, perto do Vasco. A Brahma falou que concordava em ajudar, mas não dava... eles querem se aproveitar muito da torcida. Eles falaram que iam dar um bandeirão para a gente. Eu disse "Não, bandeirão eu não quero, eu quero sede." Mostrei as contas pra ele: "Sabe quanto é o custo de um bandeirão de propaganda que vocês tão fazendo no estádio?" Fiz um levantamento de custo desse serviço e falei "eu quero esse valor igual para o galpão. Vou levantar um bandeirão mostrando a sua marca, então paga, amigo." Tem outras empresas

que chegam oferecendo negócio conjunto, paga amigo. Então paga. Sua marca vai ganhar muito mais força. Eu e o Zé estamos muito juntos nisso, mas nego chega, joga duas mariolas para o Fluminense e eles topam, aí fica foda.

B.B: - Você acha que o modelo adotado por São Paulo é um modelo para o Rio?

J.P: - É diferente... porque nenhuma torcida no Rio se manifestou em querer escola de samba, a gente sabe onde a gente alcança [risos].

B.B: - Sem contar o poder que tem instituído das escolas tradicionais.

J.P: - E nem se mete nisso, vai se meter no bicho, cara? [risos] Mais essa, mais um inimigo? Deixa essa de fora, não é para a gente. As escolas chegam para a gente, a Unidos da Tijuca - é do Horta-, vai concorrer agora à presidência do Vasco, é colado com o Eurico, queria a Força Jovem toda lá, falou "a Força pode jogar, beber, comida de graça, pode usar a quadra", mas ninguém usa. É do Eurico, todo mundo está fora, só o pessoal do Resgate que vai lá.

R.C: - Quem é o Resgate?

J.P: - Pessoal do Méier.

B.B: - E as outras torcidas, GDA, Ira...?

J.P: Tem a União Vascaína do Mansur, que se formou agora... quando eles pediram para o Luiz Otavio, que também é do Méier, levava eles ao jogo, tinha escolta para eles. Eles que puxavam grito pelo Eurico. São uns vendidos, não têm ideologia. E o Luiz Otavio levou essas pessoas com a GDA, mas eles não queria eles por perto pra não serem vinculados. Eles são bem à parte. A guerra mesmo é com a Força Jovem com o Resgate, que está cada vez diminuindo mais. O último suspiro do Eurico vai ser agora. Com esse começo de Carioca via ser meio complicado, ainda mais jogos no Engenhão, então podem ter algumas brigas em relação a isso. A Força, quando o Vasco caiu, se fosse o Eurico, nego ia quebrar o estádio todo. Mas foi o Roberto. Claudinho foi lá na sala do Dinamite, prestou apoio e, pô, esse apoio que a torcida deu - e quando caiu, a torcida começou a gritar "A culpa é do Eurico" - o Dinamite ficou eternamente agradecido. Não tem um clube que não apoie a T.O. Até o São Paulo, que tenta se manter mais distante, libera ingresso e ônibus para torcida. Quando tem

problema, o clube ajuda, manda advogado, manda o que for, porque eles têm que estar do lado da massa.

B.B: - Você está falando da relação com o dirigente e tal, mas deve saber do incidente com o Romário...

J.P: É, o Romário é um... [Risos] gosto dele pra caramba como jogador, mas o cara queria mandar bater nos caras da Força, o cara é flamenguista. Não gostava de ser xingado pela torcida e falava que o pessoal da torcida pedia dinheiro para ele, é mentira. Pode até ter um ou outro louco hoje, que fala em nome da torcida, mas o pessoal inteiro é contra. Foi até no Zona Sul esse lance do Romário.

B.B: - É que acabou aparecendo, dividiu. Uma parte da torcida apoiava... por isso que eu lembrei o nome dele.

J.P: - Nesse caso, a influência do Romário na torcida foi bem pontual. A que tem aí é do Eurico mesmo. Tem uma época que a Força Jovem ficou vendida, ele dominava em troca de ingresso... os presidentes aí recebiam 3000 e colocavam 1000 para a torcida. Mexendo com ingresso dá para fazer dinheiro. Tem um pessoal ano passado que fez muita grana com base na torcida. Essa galera comia na mão do Eurico, e ele compensava com ingresso, até a eleição do Marcondi, que ele não quis entregar e começou esse embate. Ficaram alguns remanescentes, que se denominam o Resgate, mas hoje está bem fraquinho, vão tentar o último suspiro no Carioca, mas é muito difícil. Para eles tomarem a torcida, o Eurico tem que gastar muito dinheiro, e ele não tem mais tanto dinheiro assim. Vai ter que vender uma das casas... [Risos] Quanto tá o preço do ingresso hoje? 30 reais, 40 em clássico. Ele vai ter que comprar uns 300 ingressos por jogo.

B.B: - Terminar então o depoimento do João, muito obrigado.

J.P: - Obrigado vocês aí, você um papo excelente, muito bom.

[FINAL DO DEPOIMENTO]